

10 réis — Lisboa e provincias — 10 réis

Anno 2.º 2.ª Serie — N.º 29

Semanario de Caricaturas



Marselheza

LISBOA, 12 DE JUNHO DE 1898

Caricaturas de | TRINDADE CORREIA
CHICO LISBOA

Prosa de GUMEL

OS HOMENS DE CUBA



Rius Rivera

Os homens de Cuba

Rius Rivera

Occupa hoje a nossa galeria o retrato do illustre successor de Antonio Maceo no commando das forças insurgentes do Occidente da grande Antilha.

É natural de Porto Rico onde nasceu em 1847. Foi educado em Barcelona, cursando engenharia em que se tornou muito distinto.

Ao estudar a guerra dos dez annos, dirigiu-se a New-York, onde se organizou uma expedição que desembarcou nas proximidades de Santiago de Cuba em fevereiro de 1870.

Escolhido pelo general Galisto Garcia para seu secretario particular, tomou parte em muitas operações dirigidas por aquelle illustre militar, tornando-se muito notavel no celebre combate conhecido pelo — accção do *Cafetal Guayales*, em que foi completamente derrotado o general hespanhol Jovellar. A partir de então os seus feitos militares são innumerados.

Aceite o pacto de Zanjon que, como se sabe, pôz termo á guerra dos dez annos, foi dos poucos cabeceiras que o não firmaram, e em companhia de Maceo e outros abandonou a ilha desembarcando na Jamaica. Auxiliou Maceo em outras tentativas que fracassaram. Isso, porém, não lhe attenuou o seu ardor bellico, nem o seu enorme desejo de concorrer, com a sua generosa espora, para a libertação da perla das Antilhas.

Foi um dos mais poderosos auxiliares do grande Martí, o iniciador do movimento actual, e a 8 de setembro de 1895 desembarcou em Cuba á frente de uma valiosa expedição por elle mesma organizada, em New-York. Era o lugar tenente de Maceo na provincia de Pinar del Rio, acompanhando em todas as empresas o famoso guerrilheiro.

Quando este resolveu atacar Havana de combinação com Galisto Garcia, foi Rius Rivera quem tomou o commando em chefe dos insurgentes de Pinar. Isto demonstrava o alto apreço em que Maceo tinha Rivera, confiando-lhe um commando de tanta responsabilidade, n'uma provincia que então era o principal alvo dos ataques hespanhoes.

Com a morte de Maceo foi-lhe confiado por Maximo Gomez o commando em chefe dos separatistas do Occidente, com a gradação de tenente general.

N'esse lugar sustentou alguns renhidos combates com os generaes Arolas e Suarez Inclán, que o temiam seriamente, pela extraordinaria prudencia de que era dotado. Empregava a tctica das grandes estrategistas, poupando o mais que podia as suas forças, reservando-as para victorias provaveis. Tais qualidades não evitam que, como Maceo, fosse victima de uma traição perpetrada por um cubano.

Quando menos o esperava, e estando simplesmente rodeado por alguns da sua escolta, foi ferido por uma força hespanhola, postada em sitio d'ante-mão combinado. Ainda tentou um esforço para vêr se conseguia fugir.

Debalde.

A ferida era bastante grave, e facil foi aos hespanhoes apri-sional-o. Conduzido immediatamente para Havana, foi tratado do grave ferimento, restabelecendo-se em breves dias.

Faltou-se em que seria fuzilado, pois era esta a vontade do Atal de Cuba que da pelo nome de Valeriano Weyler. Disse-se tambem que Maximo Gomez estava disposto a entrar em negociações para fazer a paz, com a condição de que Rius Rivera fosse amnistiado.

Procurava-se, pois, tirar o maior partido possível da prisão do famoso caudillo.

Desvaneceu e nada mais.

O seguinte trecho de uma carta dirigida por Betances a alguns dos senhores de Paris, fez detoover o governo hespanhol, obrigando a ser generoso para com o vencido:

Galisto Garcia tem 250 officiaes e soldados hespanhoes prisioneiros, que respondem pela vida de Rius Rivera.

Havia que ceder.

Hoje, Rius Rivera encontra-se n'uma das praças de guerra da Península, onde espera ansioso a hora em que lhe annunciem a libertação da sua patria.



Fechou no sabbado, 4 do corrente, o *parlamento* portuguez. O que é como quem diz que terminou a epocha theatral de S. Bento, no corrente anno.

Francamente, o *parlamento* nacional é uma das vergonhas de este paiz. Uma maioria de deputados nomeada pelo governo precedendo um simulacro de eleições, e uma minoria arranjada por prévio accordo com os bandidos da governação, são os elementos únicos que o constituem.

Devemos encarar a sério, porventura, as farças que em S. Bento se hão desempenhado, n'um digladiar de phrases ócas e de indignações d'encomendado?

Por certo que não.

Acaso o povo portuguez deverá ver nos comparsas de S. Bento os seus legitimos representantes, os encarregados de velar pela dignidade do paiz, pela prosperidade da nação?

Claro está que não.

Ao povo portuguez assistiria por certo um direito unico, indiscutivel — o de revolta —, se a sua cobardia não tivesse ha muito demonstrado aos pretorianos da realza e aos esbirros da corregedoria quanta energia ha n'elle para fugir diante do lampejar de um sabre, quanta indignidade ha n'elle para curvar-se debaixo dos cachações da policia.

O parlamento portuguez desacreditou-se, para nunca mais se levantar, desde o momento em que a ignorancia das massas populares (cuidadosamente velada pelos governos da monarchia, n'isso interessada) lhes deu a inconsciencia dos seus direitos, a inconsciencia da sua força e a inconsciencia do seu poder.

O povo passou a concorrer á urna eleitoral, por d'lettantismo o culto, por pagamento de obsequios o ignorante. A evolução foi caminhando, e, dentro em pouco, aquelle pus-ou a achar incommodo o facto de se preocupar com algo mais que não fosse o proprio estomago, e este, o ignorante, começou de trocar por quartinhos de vinho e rações de carneiro o *papel* que o amo lhe mandou levar á igreja.

O descalabro foi-se accentuando. E, hoje, nem sequer o quartinho de vinho é moeda corrente no mercado das consciencias; a concorrência dos venaes estragou o mercado; qualquer sorriso pa-

ga um voto, e, quando não baste, louco será o que tentar compra-lo; despreza-se por inutil; estão alli á mão as chancellarias dos governos civis para fabricar votos e manufacturar representantes do povo. Representantes carimbados, que valem tanto como os outros mas que são mais baratos.

Representantes que vão a S. Bento para se divertirem, ber-rando apoiados a toda e qualquer obra governativa, uns, outros que vão para se collocarem, e aos seus, em logares do Estado, trinchantes á frente, para entrarem fundo no coxão de carneiro do thesouro publico.

Certos estão elles da impunidade. O povo portuguez não é touro que dê marradas; por uma singular e curiosa transformação, de cão de quinta tornou-se em fraldiqueiro de regalo. A municipal, legião de criados da realza, sopapea-o de quando em vez, regaladamente; e o podengo ergue as mãos a pedir misericordia, põe-se a ganhar humildemente implorando perdão!

Panem et circenses davam os imperadores romanos ao seu povo, ainda grande apesar de apodrecido.

Os governos d'este paiz transformaram o *panem* dos romanos no sabre da municipal, e traduziram o *circenses* em arraiaes d'igreja.

O povo exultou; ficou bem servido.

A ideia de morrer no parapeto d'uma barricada, pelejando pela bandeira da sua patria e pela honra do seu nome, dá-lhe sugestões de terror.

A mulher tem fome? Os filhos pedem pão?

Qu'importa? A alma está de bem com Deus; pode-se, por isso, bem á vontade, morrer, ainda que seja de fome.

Convencidos d'esta degenerescencia, os governos da monarchia tripudiam á farta, distribuem fatias pelos amigos, cortam por onde querem. E com elles os que os servem, os pseudo deputados comparsas contractados para maior movimentação da farça.

Tanta desvergonha e tanta humilhação não pedem indignações estereis. Se as pediram, bastar nos hia lembrar, com Victor Hugo, que a revolução é um direito; da consciencia d'esse direito brotaria, terrivelmente inclemente, aquella.

Mas com um tal povo, só ha que pedir ao Deus dos innocentes que nos ponha nos labios o riso de Molière e Rabelais, e ir seguindo a rota d'esta vida, sem esperanças de melhores dias, antes vendo em cada aurora que nasce mais uma enxadada na sepultura d'esta nacionalidade de poltrões.



AS FURIAS DO ZÉ



— Sabes, Zé, que a tua querida patria vai passar a ser um feudo da Inglaterra?



— Ah, elle é isso?! Ora espera lá...



— Fora, canalha!

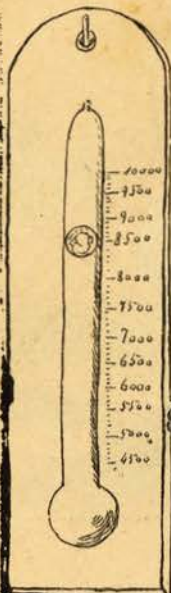


Sindalobarris



Nada de bernardas!... Vamos até à Praça da Figueira... Olaria!...

Mas elle hoje o dia 12 de junho, vespera de Santo Antonio...



Chico Lisboa

— Está bom, está bom ...



Chico Lisboa

— Quem dá o pão dá o ensino.
— Moralidade: — Pouco pão e muito pau.

Um combate naval... na rua do Ouro



Navio à vista



Abordagem



Salvo-se quem poder

Chico Lisboa